

TIAGO MELO DE SOUZA

**SELEÇÃO BRASILEIRA DE VÔLEI MASCULINO/BARCELONA,
1992 – A CRIAÇÃO DE UM MITO**



CURITIBA

2007

TIAGO MELO DE SOUZA

**SELEÇÃO BRASILEIRA DE VÔLEI MASCULINO/BARCELONA, 1992 – A
CRIAÇÃO DE UM MITO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Educação Física, no Curso de Bacharel em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Profº. Dr. Rogério Goulart

Co-orientador: Profº Dr. André Capraro

CURITIBA

2007

**SELEÇÃO BRASILEIRA DE VÔLEI MASCULINO/BARCELONA, 1992 – A
CRIAÇÃO DE UM MITO**

CURITIBA

2007

“Precisamos de mitos que nos auxiliem a novamente venerar a terra como um lugar sagrado, em vez de utiliza-lo como recurso, isso é crucial, pois não poderemos salvar nosso planeta a não ser que ocorra uma revolução espiritual capaz de se equiparar ao nosso gênio tecnológico”
(ARMSTRONG, 2005)

Dedico a aqueles e aquelas, que lutam pela verdade, quando é fácil ceder, e que no centro da própria engrenagem, inventam a contra – mola que resiste ...

Agradeço aos meus orientadores, pelas suas contribuições, ao meu pai e minha mãe, que acompanharam este trabalho com paciência e preocupação , e aos meus amigos e minha amigas, que quando minha energia parecia sucumbir, me abasteciam com a mais pura naturalidade.

SUMÁRIO

RESUMO.....	VIII
1.0 INTRODUÇÃO.....	1
1.2 OBJETIVOS.....	2
2.0 METODOLOGIA.....	3
3.0 CAPITULO I - A CONQUISTA.....	8
4.0 CAPITULO II - A SOCIEDADE	21
5.0 CAPITULO III - HISTÓRICO POLÍTICO	37
6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

RESUMO

Tem sido muito comum o surgimento de mitos no meio esportivo, com a sociedade mitificando constantemente atletas e equipes. Um exemplo disto foi a repercussão que houve no Brasil quando a seleção de vôlei masculino conquistou a inédita medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Barcelona-92. Tendo em vista que um mito não pode ser visto isolado de seu contexto, este estudo teve como objetivo, por meio de uma revisão de literatura, verificar qual o contexto que favoreceu a criação de um mito acerca desta conquista. Para isto a pesquisa foi sistematizada em três pontos considerados mais importantes para esta investigação, a conquista, a sociedade e o contexto histórico-político, a fim de facilitar a compreensão do trabalho. Com isso foi visto todo um contexto favorável, em numerosas considerações, à mitificação desta seleção.

PALAVRAS- CHAVE

Seleção; Conquista; Mito; Vôlei

1. 0 INTRODUÇÃO

O mito sempre esteve presente na sociedade, desde a antiguidade até os dias de hoje. É uma realidade cultural extremamente complexa. Pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares. Tem como função resolver, num plano simbólico e imaginário, as antinomias, as tensões, os conflitos e as contradições da realidade social que não podem ser resolvidos ou solucionadas pela própria sociedade, criando assim uma segunda realidade. Explica a origem do problema e o resolve de modo que a realidade possa continuar com o problema sem ser destruído por ele (ELIADE 2000; CHAUI 2000).

Ele trata daquilo que realmente aconteceu, do que se manifestou em certa sociedade, sendo os personagens, em sua maioria, seres sobrenaturais, que passam a ser uma necessidade do homem, pois o mito sempre deu sustentação à vida humana, ajudou a construir civilizações e formou religiões através dos séculos, e tem a ver com profundos problemas interiores. Não se trata apenas de um efeito das causas sociais, mas torna-se causa também, isto é, uma vez elaborado passa a produzir efeitos sociais: instituições, comportamentos, sentimentos, ou seja, é uma ação social com seria consequência (CHAUI 2000).

Com isso, o homem contemporâneo passa a ter a necessidade de criar ou recriar mitos. Visto que a partir das primeiras civilizações, devido aos centros urbanos, a mitologia passa a concentrar o mito não mais no mundo sagrado, mas sim no mundo terreno (ARMSTRONG 2004). Com essa necessidade do homem, a sociedade mitifica constantemente atletas e equipes. Como já dito, não que estes se tornem seres sobrenaturais, mas sim uma importante referência de comportamento e superação para sociedade, tornando-os em símbolos –mito.

No Brasil isso se torna bem visível, pois são nesses heróis mediáticos que se projeta, uma identificação positiva de nós mesmos, de

construção tão difícil num país marcado ao longo de tantas décadas recentes pelo signo da crise – econômica, política e social – sob o qual se deu a modernização da sociedade brasileira (NOVAS 2000).

O futebol é a modalidade onde são observadas mitificações constantes de equipes e atletas ao longo de nossa história nacional. E pela primeira vez, foi visto tanta euforia, por uma conquista de um esporte coletivo, fora da modalidade futebol. Um exemplo foi a grande repercussão que houve no Brasil, quando a seleção masculina de vôlei conquistou a inédita medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Barcelona – 1992. Nessa ocasião a sociedade brasileira, embriagada pelo repentino sucesso do voleibol nas Olimpíadas, esteve as voltas de inúmeras manifestações de exaltação de seus ídolos (MARCHI JUNIOR, 2001), transformando o selecionado em um mito.

Partindo do pressuposto que o mito não pode ser visto isolado do seu contexto (ARMSTRONG 2005), e pelo fato de que fenômenos como este em nosso país em sua maioria, e observado nas referências, ocorre no futebol, questionamos: qual o contexto que favoreceu a criação de um mito acerca da conquista olímpica na modalidade voleibol em 1992?

1.2 Objetivos

1.2.1 Verificar como ocorreu e as conseqüências desta conquista para a criação e difusão deste mito.

1.2.2 Analisar o contexto da sociedade na criação deste mito.

1.2.3 Associar o contexto histórico - político da época à conquista olímpica

2.0 METODOLOGIA

Para realização deste estudo foi feita uma revisão de literatura de caráter sociológico, sendo assim, a pesquisa extrapolou o âmbito da literatura, havendo também a complementação com fontes históricas.

Para isto foi utilizado como procedimento metodológico, com a complementação de fontes, a proposta de Ginzburg, apresentada em (1996) no seu livro *O Queijo e os Vermes – O cotidiano e idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*, onde o autor nos traz idéias, sentimentos, fantasias e aspirações do moleiro, através da investigação de fontes históricas. Neste caso, Ginzburg analisa tais fontes históricas que consistem na documentação dos processos abertos pela inquisição contra o moleiro, além de outros documentos que fornecem informações sobre a vida do protagonista. No caso desta pesquisa, a análise das fontes históricas foi feita através de 2 periódicos, de maior circulação na época desta conquista. Sendo basicamente documentos advindos da imprensa publicados no mês de julho e agosto, meses que ocorreram os Jogos Olímpicos de Barcelona – 1992, para entendermos, todo o processo desta conquista em seus múltiplos aspectos, ou seja, com isso verificar o contexto que favoreceu a criação deste mito.

Desta forma, foi necessário observar qualquer detalhe, principalmente os que não são aparentes, para entender todo esse processo, caracterizando e demonstrando o contexto que favoreceu a criação deste mito, através das análises das fontes já citadas, assim como Ginzburg (1996) tenta compreender o processo da cultura popular demonstrada através do moleiro, caracterizando a pesquisa como de investigação qualitativa.

Nesse sentido, a investigação qualitativa teve como característica, uma abordagem que exige examinar o mundo com a idéia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão esclarecedora do objeto de estudo, assim como Ginzburg faz em seus livros e foi transposto para este trabalho monográfico. Portanto, o investigador deve questionar constantemente, nada é

considerado como um dado adquirido e nada escapa à avaliação (BOGDAN e BIKLEN 1994).

Seguindo essa proposta a pesquisa também foi caracterizada por ter uma metodologia autocrítica. Através deste método, desconfiamos sempre das explicações, tanto teóricas quanto empírica, procurando constantemente a maior adequação possível da realidade, como se pretendeu fazer nessa pesquisa, argumentando e desvendando aspectos ineglegenciáveis (DEMO,1987).

Outro ponto também destacado na metodologia adotada é a importância de como o autor considera todo o contexto no qual o moleiro está inserido, o que, possivelmente, explica as atitudes demonstradas através das fontes analisadas. Da mesma maneira em que o contexto influenciava as idéias do moleiro, tentamos compreender qual o contexto que contribui para a criação deste mito (GINZBURG 1996).

Ginzburg (1996) ressalta a importância do contexto e detalhes que não são aparentes em, *O Queijo e os Vermes – as idéias e o cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição* na mesma proporção que demonstra a relevância de fenômenos aparentemente negligenciáveis, portanto, que é indispensável recorrer a instrumentos de observação e escalas de investigação diferentes dos usuais, como demonstrado no livro *Mito, Emblemas e Sinais – morfologia e história*.

Neste mesmo livro, Ginzburg (1986) no capítulo *Sinais*, apresenta o método indiciário. Este método indiciário é explicado a partir de uma tripla analogia: 1ª) com o método moreliano que ensinava de forma segura a distinção entre uma cópia e o original de quadros antigos; 2ª) com o método indiciário utilizado pelo detetive Sherlock Holmes que, através de pistas de indícios imperceptíveis para maioria, desvendava crimes complexos; 3ª) com o método psicanalítico que é pautado na interpretação de sintomas.

Para uma melhor compreensão do contexto necessário a pesquisa histórica, esta pesquisa foi sistematizada em três aspectos

(capítulos), que foram considerados mais importantes para verificar todas as condições que favoreceram a criação deste mito. Desta maneira o contexto como um todo não foi fragmentado, mas apenas dado mais ênfase nos aspectos considerados pertinentes a investigação deste estudo.

Desta forma, utilizamos das fontes históricas e da literatura, como pistas, talvez infinitésimas, que permitiram captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível (GINZBURG 1986), associando esta seleção olímpica a um mito e a uma *tradição inventada*.

Já que a análise de fontes históricas faz parte da metodologia deste estudo, é importante conceituarmos o que seriam elas. Sendo assim, fonte histórica é tudo que se presta a contar a história, todos os vestígios que nos permitem ampliar a compreensão historiográfica dos fatos, sejam documentos ou relatos orais, iconografias, letras de música e tudo o mais que existir de uma determinada época.

Neste caso, a época foi o ano de 1992, o ano em que ocorreu o torneio de vôlei masculino nos Jogos Olímpicos de Barcelona, mais precisamente nos meses de julho e agosto, porém também foram utilizadas outras referencias que extrapolaram este período e que também contribuirão para esta pesquisa no sentido de entender o que procedeu a tal conquista, assim como os reflexos que esta conquista gerou nos anos seguintes, considerando a complexidade que favoreceu a criação deste mito.

Pelo fato das fontes históricas, serem advindas de publicações da imprensa, é importante caracterizar que todas as hipóteses tiradas das fontes foram a partir da leitura que a sociedade obtinha através da imprensa e sua respectiva influência. Da mesma maneira como Ginzburg (1996) mostra que o aspecto fundamental das investigações, no caso do moleiro, é analisar como ele adquiria o conhecimento e de que maneira ele interpretava este conhecimento, e não apenas qual o conhecimento adquirido por ele.

Considerando que o mito é uma realidade extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e

que se trata daquilo que se manifestou em certa sociedade, passando a produzir efeitos sociais – instituições, comportamentos e sentimentos (ELIADE, 2000; CHAUI, 2000) – tudo indica tem muito a ver com as *tradições inventadas*.

Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOSBAWM, 2002, p.9).

Este mito que pode ser associado ao conceito de *tradição inventada*, que segundo Hobsbawm (2002) passa a ser uma característica da sociedade moderna. Como relatado pelo historiador, o estudo da invenção das tradições é interdisciplinar, um campo comum aos historiadores, antropólogos sociais e vários outros estudiosos das ciências humanas, sendo neste caso a sociologia do esporte a linha de estudo desta pesquisa.

Sabendo que o mito teve suas concepções alteradas, de acordo com cada contexto e necessidades da sociedade, assim como *nas tradições inventadas* (HOSBAWM 2002; ARMSTRONG 2005), mostrando a importância de se levar em conta o contexto quando se faz uma pesquisa histórica.

Considerando estas alterações de concepções sobre mito – que deixou de ser representando como sempre fora, e precisou ser prático para corresponder aos fatos. O novo herói da sociedade ocidental passou a ser cientista, ou seja, uma pessoa que realmente existe.

Assim como as *tradições inventadas* e o mito, que começam a se caracterizar pela presença de heróis como pessoas que realmente existem, passam a ser características da sociedade moderna a própria conquista, pois para Montes foi através desses heróis midiáticos – atletas e equipes – que se projetou uma identificação positiva de nós mesmos sob o qual se deu a modernização da sociedade brasileira (HOSBAWM 2002, ARMSTRONG 2005; NOVAS 2000).

A partir do procedimento metodológico utilizado por Ginzburg dos conceitos de mito e tradição inventada, da análise de fontes históricas através de uma investigação qualitativa, e da literatura pertinente tivemos o suporte necessário para verificar o problema em questão.

3.0 CAPÍTULO I – A conquista

Neste capítulo pretende-se analisar como ocorreu a conquista da seleção olímpica de vôlei masculino em 1992 e suas características, relacionando os mitos em exemplos esportivos. Como a imprensa destacava as vitórias da seleção, o que ocorreu antes, durante e depois da conquista e as possíveis conseqüências que podem ter influenciado os rumos da modalidade, assim como o esporte em geral no Brasil. Caracterizando o contexto da conquista que favoreceu a difusão deste mito, sendo assim o que esta conquista representou para o esporte.

Antes dos jogos olímpicos, o vôlei já vinha se destacando como modalidade, através de um processo de massificação, ocasionando o aumento do número de praticantes, conseqüentemente do consumo da modalidade, por uma resignificação do sentido e da pratica do voleibol.

A articulação das relações constituídas entre a entidade esportiva responsável pela organização e administração da modalidade, as estruturas empresariais e os investimentos da televisão no esporte reportam a análise do processo e do movimento de massificação do voleibol (MARCHI JUNIOR, 2001, p.171).

Esse trecho de Marchi Jr, se associa diretamente as *invenções de tradições*, pois, segundo esta premissa da massificação do esporte que já estava ocorrendo anteriormente à conquista, essas práticas e o espetáculo esportivo não podem ser considerados elementos novos na sociedade moderna, já que tanto os espetáculos quanto os jogos sempre estiveram presentes na sociedade moderna alterando sua importância dentro a historia e o contexto inserido, vide Hobsbawm (2002) em as invenções das tradições. Práticas como estas são identificadas como cultura popular, tendo como exemplo, o surgimento e a formação de ídolos e heróis representativos de um espetáculo de massa. (HELAL 1999)

Esta massificação se torna mais influente ainda com a presença

da imprensa que acentuou o bombardeio publicitário, mostrando a importância de se considerar como se posicionou e fez parte da mitificação desta conquista. A imprensa já demonstrava certo poder no esporte a partir da influência da TV e da publicidade nas mudanças das regras da modalidade, fator crucial para sua massificação (MARCHI JR,2001).

Devido a fatores políticos e econômicos, o que reforça a importância de se verificar todo o contexto acerca desta conquista, aconteceu uma crise no vôlei, pois houve uma diminuição nos investimentos no esporte, fazendo com que Carlos Arthur Nuzmam, influente nome do esporte por ser o presidente da CBV (Confederação Brasileira de Vôlei) na época e atual presidente do COB (Confederação Olímpica Brasileira), tomasse algumas iniciativas de risco para a evolução do esporte. O processo que ocorreu antes desta conquista deve ser considerado de fundamental importância para o êxito da seleção olímpica de vôlei masculino de 1992, partindo do pressuposto esta conquista trouxe ao esporte a noção da importância de se fazer projetos a longo prazo no esporte (MARCHI JR,2001).

O esporte havia perdido sua importância nacional e só voltou a ser importante com a vinda do campeonato Mundial de 1990 ao Brasil, mostrando que havia todo um contexto favorável sendo construído para esta conquista, conseqüentemente a criação deste mito. Partindo do pressuposto de que toda esta massificação e evolução estava ocorrendo no esporte, fez com que a seleção de vôlei conquistasse o título sul-americano, garantindo uma vaga nas Olimpíadas de Barcelona (1992) (MARCHI JR,2001).

Antes mesmo das Olimpíadas já estavam ocorrendo fatos que favoreceram a mitificação acerca desta conquista, considerando as superações às crises existentes no esporte, superações essas que caracterizam os mitos. Podemos ver exemplos disto em Helal (1999) em um exemplo de herói identificado que transpormos para o esporte:

Clark Kent é um tipo aparentemente medroso tímido, de medíocre inteligência, um pouco embaraçado, míope, e por

isso mesmo, através de um processo de identificação qualquer um pode nutrir secretamente a esperança de que um dia das vestes de sua personalidade, passa florir um super- homem capaz de resgatar anos de mediocridade (Umberto ECO 1979), como se adversidades que ocorreram antes aproximasse ídolos de fãs, aumentando a identificação.(p.39)

Desta forma esses fenômenos representam desafios, provações e superação de obstáculos fundamentais na construção da narrativa mítica na saga do herói.

Helal (1999) explica a especificidade da criação de heróis no meio esportivo. A diferença entre ídolos do esporte, em relação a outros ídolos, vem das idéias das antíteses, no esporte o sucesso de um atleta ou equipe depende do fracasso do oponente, sendo assim são considerados heróis. Agindo de forma que redima a sociedade, a saga clássica do herói fala de um ser que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos intransponíveis, os vence e retorna a casa.

Essa idéia do fracasso do oponente pode ser observada nos meios de comunicação que faziam a cobertura das Olimpíadas na época, ressaltando a derrota dos adversários, como exemplo a vitória da seleção brasileira na semifinal diante a equipe americana, onde esta antítese é bem representada.

Sentado na quadra com a cabeça coberta com uma toalha, o atacante Bryan Ivie deixava derreter as mágoas dos seus 2,01 metros de altura num choro silencioso mas compulsivo. Outro craque do time, Robert Samuelson, escondia o rosto com ambas as mãos que escorregavam pela careca e voltavam aos olhos encharcados de lágrimas. Inevitável destemperado de quem vai a uma Olimpíada para receber uma medalha de ouro e vê sua trajetória violentamente cortada. Do outro lado da quadra de vôlei do ginásio Sant Jordi a força fazia sua festa. Os jogadores com a camisa amarela do uniforme numero 2 da Seleção Brasileira de vôlei imitavam numa aeróbica desconcentrada e eufórica o polichinelo cantando entusiasmada torcida brasileira. “Um, dois, três, quatro, cinco mi, quem manda em Barcelona é a torcida do Brasil...” (Revista Veja,12 de agosto,1992. p.62)

Observando as intervenções que estavam sendo feitas anteriormente às Olimpíadas pelo presidente da CBV, como a criação da Liga Nacional, que foi sendo aperfeiçoada garantindo o crescimento do esporte, comprovado pelos índices de público nos ginásios e audiências, houve um grande retorno financeiro dos investidores no esporte tornando o vôlei um dos principais produtos esportivos do país. Ou seja, antes mesmo das Olimpíadas todo um contexto estava sendo criado para o crescimento do esporte na sociedade, o que mais tarde foi reforçado com a conquista da seleção, fator de influência primordial na representatividade do esporte no Brasil (MARCHI JR, 2001).

O contexto que favoreceu para a mitificação desta conquista se iniciou com a presença de adversidades, característica presente dos mitos, e que aconteceram com a seleção antes mesmo de se iniciar os Jogos Olímpicos.

A comoção e a surpresa foram muito grandes porque a equipe embarcou para os Jogos Olímpicos sem grandes expectativas, vivendo um contexto esportivo onde oscilavam momentos de transições e incertezas, ousadia e riscos. Além disso, a seleção era considerada uma equipe que teve pouco tempo de preparação, com pouca experiência internacional e muito jovem. A média de idade do grupo foi a menor entre as equipes que conquistaram um título olímpico (MARCHI JR, 2001, p.179)

Todos esses aspectos de adversidades são comprovados neste trecho, que mostra as dificuldades na preparação da equipe, e mais uma singularidade, observado pelos detalhes que não são aparentes a primeira vista por todos (GINZBURG, 1986), a de que a seleção foi à equipe mais nova em relação à idade dos atletas a conquistar um título olímpico o que pode ser outro fator favorável à criação de um mito sobre esta seleção.

Este caso pode ser comparado ao de Ronaldo 2002 citado em Helal 1999, onde diz que “mais uma vez, a pouca idade é valorizada

como um atributo que o distingue positivamente dos demais” (p.36)

Podendo ser comparada a seleção de vôlei estudada, “apesar de ser muito jovem (a média de 24 anos), nosso time é um dos mais tranquilos que eu me lembro ter visto jogar” confirma o jogador Amauri para a revista Istoé. (19 de agosto, 1992 p.39).

Independente das adversidades e da exigüidade de tempo para a preparação ideal de uma equipe competitiva internacional, José Roberto Guimarães, hoje treinador da seleção feminina de vôlei, finalizou brilhantemente o processo que conduziu o Brasil à conquista do inédito título de campeão olímpico em 1992 e mais tarde da Liga Mundial de Vôlei em 1993 (MARCHI JR, 2001).

Percebe-se que antes das olimpíadas houve toda uma dificuldade de preparação devido ao tempo, entre outros fatores reforçados pela imprensa, mostrando que não havia muitas expectativas em torno desta seleção. Na Istoé ,29 de julho,1992 (p.39), havia um quadro de favoritos das Olimpíadas de Barcelona, com os prováveis ganhadores em suas respectivas modalidades, no vôlei apareciam Cuba, EUA e Itália, o Brasil não estava na lista dos favoritos. Campbel (1990) *apud* Helal (1999) diz que provações são as superações para testar o herói, se ele realmente é um herói, se ele está a altura da tarefa, se é capaz de ultrapassar os perigos e superações, comparações que puderam ser observadas nesta seleção.

Um pouco mais ambiciosos são os atletas de vôlei, Com boas chances de ficarem entre os 4 melhores do mundo,os homens no entanto , devem cair diante dos italianos ou americanos, que estão no outro grupo na primeira fase mas são favoritos destacados a medalha de ouro. (Revista Istoé, 29 de julho, 1992. p.38)

Observando como se sucedeu esta conquista através da campanha da seleção durante os jogos olímpicos, são perceptíveis várias características presentes em mitos, como o sobrenatural do invencível, criando a idéia de que uma seleção vitoriosa é composta por heróis, que no

caso representavam o Brasil, conseqüentemente o povo brasileiro, trazendo-nos a idéia do patriotismo, nacionalismo, assim como muitos casos vistos em as *invenções das tradições* (HOSBAWM,2002).

A campanha da seleção brasileira foi inédita na história olímpica da modalidade. A equipe brasileira venceu as oito partidas que disputou, sendo que cinco delas pelo placar de 3x0 (Coréia, Holanda por duas vezes, Argélia e Japão) e três partidas pelo placar de 3x1 (CEI, Cuba e EUA), ou seja, a seleção conquistou o título da competição invicta sem ter jogado um tié-break sequer. Esta conquista foi a primeira medalha de ouro do esporte coletivo brasileiro em Olimpíadas. Além desta façanha inédita no esporte nacional, a campanha invicta também foi inédita no âmbito olímpico reforçando a incontestada participação da seleção.

Toda esta repercussão pôde ser vista nos meios de comunicação da época em especial nas revistas de maior circulação, como no caso da Istoé que teve estampada na capa a seleção de vôlei com o seguinte título “A explosão do Vôlei” (12 de agosto, 1992), tendo no índice um destaque à essa seleção:

Com jogadores jovens, talentosos e muito bem pagos, o Brasil monta o seu melhor time de vôlei, e chega à final olímpica e conquista uma medalha em Barcelona. A mesma garra do vôlei masculino empurrou o judoca Rogério Sampaio a uma surpreendente medalha de ouro.(índice)

Assim, apontava-se para um contexto totalmente favorável a mitificação desta seleção. Em outras ocasiões, o esporte já havia transformado em mitos outros heróis e seleções.

A construção narrativa mítica em torno de Zico, enquadra-se no rol dos arquétipos universais de idolatria aos heróis, nos mostra que não basta o ato heróico em si, deve se haver requisitos como perseverança, determinação, luta, honestidade para se firmar no posto.(HELAL,1999. p.46)

Nesta seleção o jogador que mais ficou marcado e teve um maior respaldo por parte da imprensa foi o jogador Marcelo Negrão, foi o eleito o “preferidinho” da conquista, pela sua pouca idade além de sua desenvoltura durante os jogos. Considerado pela imprensa da época como cortador infernal Negrão teve uma ascensão profissional muito grande após a conquista, vide o título expresso na revista Veja em 12 de agosto, 1992 “O voleibol brasileiro explode na olimpíada e consagra o atacante Marcelo Negrão” (p.62).

Como uma poderosa mola humana, o conjunto de ossos e músculos transfere toda a energia para a palma da mão e dali para a bola que ele acerta a 3,60m de altura e a derruba do outro lado da rede a uma velocidade que chega a atingir 200 km por hora. Negrão é o atleta mais novo da equipe brasileira de vôlei que disputou a Olimpíada. Ele sempre foi o caçula de todos os times, desde que começou a jogar [...] No mês que vem, Marcelo parte para a Itália, onde assinou um contrato de três anos em troca de 2 milhões de dólares.(Revista Veja, 12 agosto,1992. p.66)

Da investigação das fontes históricas, no caso o material da imprensa, é possível observar a exaltação da equipe durante a cobertura dos Jogos, e a crescente evolução em torno da expectativa, que não existia e foi sendo gerada durante a competição, para a conquista do título inédito. Superando a *geração de prata*, agora tínhamos a *geração de ouro*.

De fato, o vôlei brasileiro mostrou que pode chegar a uma medalha [...] A vantagem sobre os adversários foi tamanha que chegou a preocupar o técnico da seleção, porém elas deram boa vantagem à equipe brasileira. No sábado, o time disputaria a primeira colocação do grupo contra Cuba, mas depois de ter vencido a Holanda, já podia dar como certo que não enfrentaria antes da final a Itália, provável campeã da outra chave e mais forte candidata a medalha de ouro.(Revista Istoé, 5 de agosto,1992.p.40)

Assim como nos processos do moleiro analisados por Ginzburg (1976) , a imprensa exercia influência, neste caso podemos comparar, respeitando as diferenças de épocas, um tipo de influencia para favorecer a criação deste mito. A presença da mídia pode ser observada através dos movimentos criados pró-seleção e as homenagens que foram feitas posteriormente.

Houve uma ressaca de homenagens à nova *geração de ouro*. Isto pôde ser percebido pelas inúmeras referências a esta conquista publicadas na época, não só pela imprensa nacional como na internacional, surgindo títulos como:

“O nosso dream team”, “A geração de ouro” (O Globo, 10 ago. 1992), “Os heróis de ouro” (O Globo, 10 ago.1992), “A explosão do vôlei”(Veja, 12 ago.1992), “O país do vôlei”(IstoÉ, ago. 1992), “Vôlei, ao ataque” (Folha de São Paulo, 21 set. 1994), “A nova paixão nacional” (Manchete,set. 1992), “Delusione Azurra, torcida in festa” (SuperVolley, Itália), “Un Coloso Mundial” (Voley, Argentina) e “Gold brasiliens” (Deustche Volleyball Zeitschrift, Alemanha) entre outros. (MARCHI JR,2001. p.179)

Esta conquista se tornou um importante aspecto motivacional para confirmar o esporte no Brasil, fato que Carlos Arthur Nuzmam destacava como a prova incontestada que faltava para confirmar que o vôlei era realmente viável nacionalmente. Agora não somente o futebol era uma via de mitificação e uma referência esportiva para a sociedade brasileira. O vôlei estava ocupando um importante espaço nesta prática da cultura popular, e era bastante visto no Brasil (MARCHI JR,2001). Podemos observar isto a partir de um relato citado em Marchi Jr (2001) sobre o dia da final, que por sinal foi no mesmo dia da comemoração do dia dos pais, reforçando o sentimento de nacionalismo, comparações e identificações, aspectos presentes na mitificação. Segue o relato:

Copacabana não engana. Está tensa e vazia. Na praia, uma ou outra pessoa no calçadão. Ao longo da areia, as quadras de vôlei também ficam desertas. Mas em seus mastros, ao vento, brilha o símbolo nacional. Como ouro. Há bandeiras também nas janelas. Um mini clima de Copa do Mundo. [...] Cadeiras na direção da tevê viam jogadas de Mauricio, enganando o alto bloqueio holandês, eram como dribles de Garrincha. Cada ponto de Tande, um gol de Pelé. (p.180)

Relato como este, mostra como o vôlei realmente estava cumprindo um papel de fundamental importância no esporte nacional, comprovando todo o contexto que foi criado durante esta conquista para a mitificação da mesma. Com isso a modalidade entra no mercado como um produto que, dependendo da forma de administração – o, recebe um tratamento mercantilizado compatível com as expectativas e potenciais de consumo dos agentes sociais, consumo este que já vinha acontecendo antes da conquista e que veio a se confirmar após o título inédito, no que se tornou em um mito.

Neste contexto Marchi Jr (2001) discute a espetacularização e a popularização da modalidade. Ao passo que a espetacularização é direcionada para um potencial público consumidor, a popularização seria a massificação desta prática. Notando-se que nessas duas ações distintas a imprensa tem um fator preponderante para a consolidação de ambas, ações que podem ser percebidas e aumentadas com esta conquista.

Foi gerada toda uma expectativa em torno da modalidade, que é mostrado em Marchi Jr (2001) em depoimentos que se mostram contundentes em relação a esta expectativa. Declarações comparando à seleção americana, quando conquistou o bicampeonato olímpico, criando possibilidades de a seleção permanecer vitoriosa durante todo o ciclo olímpico. Muitas declarações reforçando o futuro promissor da seleção pelo fato de ser uma equipe muito jovem e que tinha muito ainda a se fazer.

Essa expectativa não afetou apenas a imprensa, mas a sociedade e inclusive os próprios jogadores. Segundo Marchi Jr (2001), a declaração mais expressiva foi a do jogador Geovani Farinazzo Gavio, que

alertou para o mundo se cuidar, enfatizando que se a seleção mantivesse este ritmo ninguém os seguraria. Todas essas expectativas perceptíveis, podem ser consideradas como um contexto amplamente favorável à criação do mito em torno desta conquista da seleção olímpica masculina de vôlei/1992.

O país do futebol está trocando os pés pelas mãos. Sai a bola que rola os gramados, entra a bola que voa nas quadras. O vôlei, antes mesmo da medalha de ouro conquistada pela seleção masculina nos Jogos Olímpicos de Barcelona, já era o esporte de maior aceitação pelos jovens. Pode se prever, assim, uma nova explosão desse esporte nos clubes, praças, e ruas de todo o país. "Não quero dar palpites, mas tenho certeza de que alguma coisa muito boa vai acontecer para o vôlei brasileiro agora" jogador Amauri Ribeiro, 32 anos prata em L.A., ouro em Barcelona. "Os patrocinadores que tinham afastado vão voltar e esse incentivo vai acabar refletindo em todos os esportes" Ana Lúcia, 4º lugar em Barcelona. (Revista Istoé, 19 de agosto, 1992. p.38)

Em torno de todas as conseqüências desta vitória, sendo que em sua maioria muito benéfica para o esporte, houve também um ponto negativo. Seguindo de todo processo de crise financeira que já vinha ocorrendo no vôlei, com a conquista da seleção ocorreu um êxodo de jogadores para a Itália no que resultou o fechamento de algumas equipes da liga nacional de vôlei. Pensando nesta situação podemos perceber dois momentos. Um em que foi ruim para continuidade do desenvolvimento da modalidade no país, prejudicando a liga nacional. E outro onde financeiramente e pessoalmente foi bom para os jogadores que foram para o exterior, para a própria imagem do Brasil na modalidade no âmbito internacional, e a necessidade de se criar e fazer surgir mais jogadores para obter uma continuidade no esporte hoje, o que possivelmente aconteceu, vide a situação do vôlei atual. (MARCHI JR, 2001)

A exportação dos melhores jogadores para a Itália, outra comparação com o futebol – é hoje, um dos maiores desafios que se coloca para os dirigentes. Se por um lado o intercâmbio é positivo – jogando no mais rico e mais competitivo torneio do mundo os jogadores tem toda condição de melhorar cada vez mais – por outra a

integração, se torna mais complicada porque fica bem mais difícil reunir todos os atletas que acaba, ao mesmo tempo, permitindo o surgimento de novos craques para ocupar o lugar deixado vago pelos “estrangeiros”. (Revista Istoé, 19 de agosto, 1992. p.41)

Apesar de algumas situações negativas, para a continuação do desenvolvimento do esporte, esta conquista trouxe uma expectativa e uma tamanha importância não só para o vôlei, mas para todo o esporte brasileiro, trazendo uma imagem de sucesso, ocorrendo algumas impressões. A organização do vôlei, no que diz respeito principalmente a seleções, ficou rotulada como um exemplo a ser seguido pelas demais modalidades que insistiam em permanecer com as mesmas políticas de organização, condizendo mais uma vez como um contexto favorável à mitificação deste caso. Os resultados desta campanha como já dito, movimentaram todos os aspectos do esporte e da sociedade, como por exemplo comentários de treinadores de outros esportes que acreditavam que o vôlei realmente era um exemplo a ser seguido. (MARCHI JR,2001)

Exemplos de que o vôlei realmente ocupou de vez seu espaço no Brasil, e que logo após a conquista se tornou uma febre, são vistos nos seguintes relatos presentes na Revista Istoé, 19 de agosto,1992: “Santo André, onde funciona a Pirelli, sede do clube, foi invadida por crianças querendo uma vaga na escolinha de vôlei”; “O aumento da procura, aliás, é saudado por todos – jogadores, técnicos e dirigentes – como a única solução a médio e longo prazo para garantir o processo de popularização do vôlei”. (p.41)

É perceptível neste processo comentários de exaltação não só em torno da equipe, mas também do presidente da CBV na época, Carlos Arthur Nuzmam. Muitos consideram Nuzmam como um fator essencial para o êxito do vôlei, chegando a haver comentários que diziam que na história do vôlei houve antes e depois de Nuzmam. Segundo estes comentários, percebe-se que o vôlei seguiu um planejamento e estrutura diferente dos outros esportes, o que fez com que o vôlei fosse seguido como exemplo e referência para o esporte nacional.

Partindo do pressuposto que o contexto é um fator preponderante quando são estudados os processos da história, visto que cada contexto utiliza-se de uma maneira de inventar tradições, sendo assim o estudo desta pesquisa não pode ser separado do contexto mais amplo da história (HOBBSAWM,2002). Neste caso, a conquista mostra que o vôlei teve todo um contexto particular em seu processo de desenvolvimento, incluindo este título inédito.

Esse dado corrobora e incide no conceito de autonomia relativa na construção da história estrutural do esporte moderno de Bordieu, ou seja, a história de uma modalidade esportiva, mesmo sendo articulada com os acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica. Assim, a história do Voleibol (e particularmente o gerenciamento da CBV), pode ser construída e analisada como uma história estrutural que considera as suas transformações sistemáticas, rupturas e continuidades. (MARCHI JR,2001p.186)

Para Marchi Jr (2001), esta campanha de Barcelona/92 faz parte dos registros históricos que podem representar ou simbolizar o momento da segunda virada do Voleibol brasileiro, e que partir desta virada o Voleibol foi inserido definitivamente no contexto da espetacularização do esporte.

A imagem dos jogadores de campeões e heróis, o que favoreceu a criação de mitos, extrapolaram o âmbito esportivo. Vários atletas da seleção viraram garotos propagandas de marcas representativas, mostrando como a imprensa é uma variável influenciadora, conseqüentemente aproveita-se do fato desta mitificação para utilizar os jogadores como produto a ser explorado.

O fato de Nuzmam ser hoje o presidente do COB, para a maioria pode passar despercebido, aqui se explica através desta conquista, e do desenvolvimento do vôlei. Nuzmam achava de suma importância a representatividade, não só da seleção, mas também de um representante dentro da FIVB, mas por motivos de legislação Nuzmam não poderia assumir, porém em 1995 veio assumir o COB, sendo considerada a posse mais

comemorada na história.

4.0 CAPÍTULO II - A Sociedade

Neste capítulo pretende-se mostrar o porquê de se estudar o contexto, caracterizar a sociedade brasileira, dando ênfase de como esta costuma se manifestar diante de tais eventos. Como a sociedade brasileira se comportava neste momento e de que forma a imprensa passava esta conquista, ou seja, qual significado e o que representou esta vitória para os brasileiros e de que maneira estes se comportavam diante disto favorecendo a criação de um mito acerca desta seleção.

Segundo Demo (1987) a análise da sociedade neste caso é imprescindível porque cada sociedade apresenta modos próprios de persistir no tempo, o que explica como funciona, como se mantêm, como se dá a convivência e o relacionamento entre os membros e assim por diante, referindo-se, assim, a como esta sociedade, a brasileira, reagiu a esta conquista

A importância do contexto é justificada quando Hobsbawm, (2002) diz que:

Os estudos das tradições inventadas não podem ser separados do contexto mais amplo da história da sociedade, e só avançará além da simples descoberta destas práticas se estiver integrado ao um estudo mais amplo (p. 21).

Neste sentido é importante ressaltar que cada contexto utilizava de uma maneira de inventar tradições, de acordo com suas necessidades. Sendo assim fica explícita a importância de se estudar como a sociedade se comportava, quais eram suas características específicas e históricas que foram favoráveis para que esta conquista tivesse tamanha representatividade, mitificando o selecionado de vôlei olímpico de 1992. Assim é dever do

historiador descobrir num sentido mais amplo o porquê de uma sociedade, repleta de mudanças dentro de contextos históricos também inconstantes, sentir tais necessidades. (HOBSEBAWN, 2002).

Grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos, ou velhos, mas incrivelmente transformados, exigiam novos instrumentos que assegurassem ou expressassem identidade e coesão social, e que estruturassem relações sociais (HOBSEBAWN, 2002, p.271).

É uma virtude de qualquer estudo sociológico saber relativizar fenômenos em seu contexto sócio-histórico, pois, sem o estudo destes, deturpa-se facilmente o entendimento de acontecimentos quando são tratados de forma isolada (DEMO, 1987).

Percebe-se que eventos deste tipo sempre estiveram presentes em todas as sociedades, tendo significados diferentes de acordo com seu tempo e necessidades de cada época, ou seja, respeitando as especificidades de seus contextos.

Comparações com outros exemplos, de contextos não especificamente iguais ao desta conquista, como o esporte abordado e a época, são justificados pelo fato das repetições na sociedade serem algo constatado, caso contrário não existiriam regras e convivência, e seria impensável e cientificamente intratável o estudo da sociedade. Repetições essas que são determinadas também no processo das invenções das tradições (DEMO, 1987; HOBSEBAWN 2002).

Marchi Jr (2001), respaldando o modelo sociológico de Bordieu, relatou que havia uma predisposição para a composição de novos hábitos sociais devido ao conjunto de ações e relações existentes no campo esportivo, agentes sociais se identificam e captam os símbolos do Voleibol, representações aceitáveis para o contexto criado relacionando-se e a uma nova invenção de tradição.

A resignificação do sentido do vôlei, considerando como potencialidade do consumo esportivo, segundo Marchi Jr (2001) passou a ser interpretada como uma vertente da cultura de massas, sendo tal cultura esportiva um fator favorável ao aumento também dos espectadores – a sociedade – consequentemente ao significado da conquista a fim de transformá-la em um mito. Pensando-se também que o espetáculo esportivo não é mais considerado um novo mobilizador do lazer moderno, pois esses tipos de evento sempre estiveram presentes na sociedade.

Neste caso, é mais fácil estabelecer uma cronologia. Entre meados da década de 1870, no mínimo, e meados ou fins da década de 1880, o futebol adquiriu todas as características institucionais e rituais com as quais estamos familiarizados: o profissionalismo, a Confederações, a Taça, que leva anualmente em peregrinação os fieis à capital para fazerem manifestações proletárias triunfantes, o público nos estádios todos os sábados para a partida do costume, os “torcedores” e sua cultura, a rivalidade ritual, normalmente entre facções de uma cidade ou conubação industrial (HOBBSAWM, 2002. p. 296).

Nesta citação é possível observar que realmente não é novo este tipo de manifestação. O vôlei voltou a ter a mesma representatividade no Brasil, sendo novamente o segundo esporte do país com a vinda do XII campeonato mundial masculino, em outubro de 1990. (MARCHI JR 2001).

Hobsbawm (2002) relata que a “[...] ascensão do esporte proporcionou novas expressões de nacionalismo através da escolha ou dos esportes nacionalmente específicos” (p.309), no caso do Brasil percebemos estas expressões principalmente no futebol, porém, com a ascensão do vôlei entre as décadas de 80 e 90 e com esta conquista, o vôlei passou também a ser uma representação dessas expressões.

Na revista Istoé, 19 de agosto, 1992 (p.39) há feita uma referência da influência e da propagação do esporte nos anos 80, surgindo tletes e inspirações em atletas como Marcelo Negrão, Geovani Gávio, Tande e Mauricio, todos campeões olímpicos em Barcelona 92.

Encantados como o vôlei praticado pela chamada “geração de prata”, os quatro garotos decidiram dedicar suas vidas ao esporte. Domingo, 9, oito anos depois eram eles que estavam na quadra [...] garantindo a primeira medalha de ouro Olímpica do Brasil em esportes coletivos. (Revista Istoé, 19 de agosto, 1992 p.39)

Segundo Armstrong (2005), a partir das primeiras civilizações, devido à construção dos centros urbanos, a retirada do homem do campo às cidades, a mitologia passa a concentrar o mito não mais no mundo sagrado sem figura e eventos temporais, e sim na história a medida da retirada dos deuses do mundo humano, sendo assim um mito não pode ser visto isoladamente do seu contexto.

Os velhos mitos se concentravam no mundo sagrado e não detinham muito em figuras e eventos temporais [...] A história começa a se impor à mitologia, à medida que os deuses iniciam sua retirada do mundo humano. (ARMSTRONG, 2005. p.66-67)

Percebe-se que o mito ao longo das civilizações teve suas concepções alteradas, de acordo com as necessidades das sociedades, ou seja, inseridas em contextos específicos. Essas transformações rápidas exercidas nas sociedades ocasionam as *invenções das tradições* para de alguma forma suprir as novas necessidades. Assim, podemos fazer uma associação com as representações de heróis a figuras humanas na sociedade moderna. O mito deixou de ser representado como sempre fora, ele precisa ser prático para corresponder com os fatos, caracterizando-se como logos – heróis da modernidade (ARMSTRONG, 2005).

O longo processo de modernização que, durou na Europa cerca de três séculos, incluiu uma série de profundas mudanças: a industrialização, as transformação agrícola, política e social para reorganizar a sociedade de modo a enfrentar as novas condições, e uma “iluminação” intelectual que denegria o mito como inútil, falso e

ultrapassado. [...] Isso queria dizer que os modos de pensar míticos intuitivos seriam negligenciados em favor de uma racionalidade científica mais pragmática e lógica (ARMSTRONG, 2005.p. 102-103).

Com isso se reforçou a importância das especificidades e as transformações de concepções do mito ao longo da história para compreendermos o processo de como ocorreu a mitificação no esporte, aqui a relação com o título da seleção olímpica de vôlei masculino de 1992. Assim como nas invenções das tradições o processo de mitificação passa a consistir em atos de repetição constante na sociedade brasileira. Podendo ser um meio de suprir a falta de representação ou identificação tanto quanto como sociedade, quanto em relação aos sentimentos de patriotismo e nacionalismo não presentes em outros meios.

Não se via tanta gente nas ruas festejando uma conquista esportiva desde o dia 24 de junho de 1970, quando os tricampeões voltaram com a taça Jules Rimet e desfilaram em um caminhão de Bombeiros pela capital paulista. O vôlei hoje vive uma situação que em certos aspectos lembra o que o Futebol era quando se consolidou a imagem da “pátria de chuteiras” (Revista Istoé, 19 de agosto, 1992. p.38)

As transformações que ocorreram na sociedade brasileira caracterizaram sua modernização. No voleibol também houve grandes transformações, como sua ascensão, havendo uma evolução do esporte como um todo, surgindo uma relação esporte versus espectador, caracterizando a espetacularização através de uma midiaticização do esporte.

Provavelmente, não há lugar nem tempo investigados pelos historiadores onde não haja ocorrido a “invenção” de tradições neste sentido. Contudo, espera-se que ela ocorra com mais frequência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e flexibilidade; ou

quando são eliminadas de outras formas. Em suma inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta (HOBBSAWM, 1997. p. 12-13).

Quando é dito em Marchi Jr (2001) que o voleibol foi inserido definitivamente no contexto da espetacularização do esporte, cremos que houve toda uma repercussão já que isto se tornou mais viável com esta conquista, ou seja, a relação da sociedade como espectador foi aumentada. Criando laços fortes entre fãs e ídolos favorecendo a criação de um mito acerca desta conquista, ajudado pela influência da midiaticização.

A julgar pela euforia dos torcedores – e principalmente das torcedoras – na chegada dos jogadores e pelo aumento na procura de clubes e lojas especializadas em vôlei depois da conquista da medalha de ouro, a febre tem tudo para se estender por um bom tempo. (Revista Istoé, 19 de agosto, 1992. p.41)

Assim associamos por mais que sejam em contextos diferentes, mas por ser um processo de repetição visto em torno da história dentro das sociedades, o processo de transformações ocorridos no passado como institucionalização do esporte que hoje ocorre como processo de espetacularização e midiaticização, são provenientes da lógica do sistema capitalista de consumo. (HOBBSAWM 2002; MARCHI JR 2001)

Hobsbawm (2002) compara ocasiões esportivas de massas com desfiles militares ou reais assim como os movimentos políticos de massa, como uma grande mescla de atores e público essas tendências já eram vistas no começo do século XX. Com o aumento da midiaticização e espetacularização esta mescla de atores e público se tornou um ponto crucial para o simbolismo destas representações que hoje vemos de ídolo e fãs.

Nota-se que manifestações desse tipo sempre estiveram presentes na história assim como sua representação para a sociedade. Porém,

neste caso é visto que a interação entre atores e público era mais real partindo do pressuposto que ainda não havia uma midiatização, através da imprensa ou televisão, que conseguisse fazer essa ponte sem precisar ter uma interação presencial. Isso pode ser visto nas revistas utilizadas como fonte para este estudo, onde havia um guia especial sobre a Olimpíada e as programações exibidas pelas emissoras que transmitiram os Jogos. No caso da revista *Veja* foi feita uma sessão a parte só para isso.

O guia Olímpico da *Veja* foi elaborado para ser uma companhia útil ao leitor que assistirá a Olimpíada pela televisão. O guia traz toda a programação que serão mostradas por quatro redes brasileiras (Globo, Bandeirantes, Manchete e SBT), as únicas que transmitirão as provas ao vivo” (Revista *Veja* – Guia Olímpico *Veja*, 22 de julho, 1992. p.3)

Com isso a imprensa torna-se um meio de influência muito grande para a mitificação desta conquista. Carlos Arthur Nuzmam *apud* Marchi Jr (2005) declara:

Eu prefiro um ginásio vazio com transmissão da televisão a um ginásio cheio, sem televisão. O vazio atinge milhões de telespectadores em todo país. No ginásio cheio, sem televisão apenas 10 mil ou 20 mil. Número reduzido para quem que conquistar patrocinadores, popularidade, resultados e novos adeptos (MARCHI JR, 2005. p.153-154).

Nota-se uma idéia profundamente capitalista, transformando o espectador em mercadoria e vice versa, sendo que a mídia neste processo é a ponte crucial nesta relação do esporte com consumo, sendo o contexto muito favorável à criação deste mito.

A partir do momento em que o Voleibol passa a receber o tratamento mercantilizado de produto, por consequência espetacularizado, ele incorpora as estruturas e disposições de um esporte que está sendo massificado seus agentes não só para a prática, mas, principalmente, para o potencial de consumo que eles são capazes de gerar (MARCHI JR, 2001. p.182).

Percebe-se que havia um contexto favorável à mitificação da seleção de vôlei, desde o processo das invenções das tradições com a repetição de comportamentos da sociedade, até a espetacularização do esporte e consequentemente sua ascensão em nível nacional. Seguindo os conceitos de Armstrong (2005), onde o mito teve suas concepções alteradas de acordo com o contexto inserido e as necessidades de cada sociedade, sendo que ele deixa de ser representado como sempre fora e passa a ser prático para corresponder aos fatos, no Brasil é visto a presença de mitificações de atletas, a representações de ídolos e heróis no meio esportivo.

Em Helal (1999) temos isto representado no futebol como o caso do Ronaldinho na Copa de 98 e a biografia do Zico. Dois casos que podemos comparar apesar da distinção do esporte e as especificidades, como serem de épocas diferentes, pois são casos típicos da cultura popular brasileira.

Existe uma vertente no imaginário do brasileiro que tende a não prezar o esforço e a determinação com elementos fundamentais para se alcançar o êxito. Esta vertente é ainda mais forte nos discursos construídos pelos cronistas inseridos nos universos das artes e dos esportes (HELAL 1999. P.41).

A análise das formas como são construídas as narrativas míticas destes ídolos nos mostra a existência de um acordo estabelecido na relação entre mídia, fãs e espectador. Segundo Helal (1999) estas narrativas de ídolos do esporte anteriormente eram construídas a partir de uma relação próxima ao público, onde não se tinha influência da mídia na criação do significado, tornando-o mais real do que hoje, onde este significado se estabelece a partir da imprensa fazendo com que a relação do ídolo seja mais distante do público,

ou seja, mais superficial, surgindo questionamentos sobre tais construções. Nesta conquista isto se torna claro a partir da cobertura dos meios de comunicação de massa, no caso as revistas utilizadas como fonte histórica, em suas reportagens dramatizando e enfatizando o ato heróico desta seleção, redimindo os resultados negativos de outras modalidades em Barcelona 1992.

A vitória por 3 sets a 1 colocava o Brasil na final de domingo contra a Holanda e deixava já na sexta-feira os brasileiros com uma medalha no pescoço. A terceira premiação do país a dois dias do final da Olimpíada de Barcelona era razão de sobra para tantas comemorações. Os 195 atletas da maior delegação que o país já enviou aos Jogos Olímpicos competiram para valer em vários esportes, mas ganharam poucas medalhas, esbarrando sempre em honrosos, mas opacos quartos lugares. (Revista Veja, 12 de agosto, 1992. p.64)

O processo de humanização do mito torna-se elemento fundamental para mitificá-lo, destacando o duelo entre a fragilidade do homem e o peso da capa do herói, pois segundo Demo (1987) as antíteses sempre estão presentes na sociedade assim esta relação com o espectador se torna mais significativa. Pois quando este duelo é visível, de que o atleta ou a equipe têm suas fragilidades, se denuncia o conteúdo humano embutido na figura do herói fazendo com que se aproxime a relação com o público. E como já foi visto com a midiatização tornou-se mais fácil de se obter esta relação.

No caso da seleção de vôlei esta antítese é vista na superação do não favorito ao título, e ao fracasso em competições posteriores a esta conquista como no caso da 5ª colocação da seleção nas Olimpíadas seguinte, determinando o fim da geração de ouro, (MARCHI JR, 2001)

Essas antitomias ajudam na identificação com o homem comum, e seu talento nato diferenciando com os demais, a humanização dos mitos no esporte se dá a partir do momento em que são mostradas suas fraquezas humanas, como o exemplo de ser derrotado o que aproxima o significado para

a sociedade que sofre dos mesmos problemas. Assim quando Armstrong (2005) nos traz a idéia de que a partir da evolução das civilizações e a proximidade de figuras mortais que representam algo em certas épocas para sociedade moderna, passa a ter um significado mais relevante que a maioria não perceba partindo dos aspectos negligenciáveis proposto por Ginzburg (1986).

Estes heróis são paradigmas dos anseios sociais, a partir da midiatização das narrativas da relação heróis versus fãs – atletas versus espectador, surgindo a análise sobre a forma de a mídia construir a narrativa mítica de alguns destes ídolos , no caso de Helal (1999) no futebol onde como a mídia tratou o caso de Ronaldo na copa de 1998, revela alguns traços importantes sobre a idolatria em nossa sociedade, neste caso específico é repassado para a equipe de voleibol masculina de 1992, campeã olímpica.

O mito conforme Eco (1970) *apud* Helal 1999 (p.40) “é uma projeção na imagem de tendências, aspirações e temores particularmente emergentes num individuo, uma comunidade em toda uma época histórica”, sendo o futebol um terreno favorável à criação de mitos representativos para comunidade. Já no vôlei nunca tinha se visto uma identificação tão próxima como essa. Neste caso a equipe de vôlei possui características heróicas, fazendo com que a sociedade projete neles seus sonhos de redenção e caminho da glória segundo Campbel (1995) *apud* Helal (1999). Nesta conquista o caso do jogador Marcelo Negrão, que já foi citado no capítulo anterior, é o mais representativo deste tipo de comportamento, sendo comparado ao Pelé em uma das vitórias da seleção.

O triunfo incontestável sobre o time americano de vôlei, bicampeão olímpico e carrasco do Brasil nas finais de Los Angeles, foi muito mais que uma festa. Foi o rito de passagem para maioridade atlética de um dos mais promissores competidores brasileiros, o atacante Marcelo Negrão. Enquanto seus colegas pulavam de alegria, Negrão chorava sentado no banco. Logo foi cercado por outros atletas, que passavam a mão paternalmente sobre sua cabeça exatamente como Didi e Vavá fizeram com Pelé na final da Copa do Mundo de 1958. Mais jovem do time, aos 19 anos, o paulistano Negrão [...] entrou nesta Olimpíada como uma promessa e sai consagrado como o mais

potente atacante do mundo. (Revista Veja, 12 de agosto, 1992. p.64)

Casos como a mitificação da figura de Zico, mostram o que acontece a partir da identificação de anseios da comunidade assim como supostamente a conquista da seleção de vôlei de 1992, e o caso Marcelo Negrão, serviu de significado para comunidade da época de acordo com seus anseios específicos.

Considerando que no caso de Zico a narrativa da mídia fugiu do padrão brasileiro de idolatria de herói- ídolo para herói- trabalhador, humanizando mais este mito, mas mesmo assim não deixa de ser um vertente brasileiro caso contrário não surtiria o efeito visto, assim consideramos que apesar do vôlei como esporte estar longe de superar o futebol, porém muitas vezes comparado pela imprensa com acontecimentos do futebol, até por que hoje o mito estudado não é mais lembrado, foi um mito específico de uma época , de uma geração por isso teve seu contexto muito específico, que aqui é estudado.

Quando Helal (1999), analisa a mitificação de Zico, entende que com a midiatização das narrativas estes ídolos, do meio esportivo, além de possuírem vários aspectos semelhantes, fundamentos na construção da figura mítica do herói, carregam também elementos diferenciados que servem para formar paradigmas distintos e aparentemente antagonias do imaginário brasileiro. No estudo realizado isso é demonstrado também no meio esportivo, conquista olímpica da seleção de vôlei masculino de 1992, mas é claro estamos considerando todos os contextos específicos, porém há semelhanças e comparações em seus significados por se tratar de esporte e repetições de comportamentos visto numa certa sociedade (DEMO 1987; HOBBSAWM 2002).

Em Novas (2000), é comentada a celebração de fé, festas religiosas, como uma grande característica da sociedade brasileira, mobilizando sempre uma grande parcela da população. Essas festas são

momentos em que a religião transborda sobre a vida social mais ampla, onde também hoje sofrem e dependem da interferência da mídia, porém ainda resguardam seus significados, mas também são alvos de interesses políticos econômicos. Assim a autora reforça a influência do signo da festa desportiva, quando o jogo de uma seleção na Copa do Mundo de futebol, é motivo para vários estabelecimentos considerados de suma importância para o funcionamento da sociedade atual, serem deixados a segundo plano. Mostra também que cada pessoa inventa um próprio rito e superstição invocando santos para a vitória da seleção. "Estou aqui porque sou fanática por meu país, o Brasil é a melhor pátria para se ver" declaração de torcedora em Barcelona (Revista Istoé, 5 de agosto, 1992. p.46). Atitude deste tipo mostra a crença e a fé dentro a sociedade brasileira que não pode deixar de ser considerada na construção destes mitos esportivos.

[...] é que são nesses heróis mediáticos se projeta uma identificação positiva de nós mesmos, de construção tão difícil num país marcado ao longo de tantas décadas recentes pelo signo da crise – econômica, política e social – sob qual se deu a modernização da sociedade brasileira. (NOVAS, 2000. p.164).

Neste ponto é Interessante destacar o comportamento da torcida brasileira, não só nos jogos do vôlei, em Barcelona durante os Jogos, sendo uma característica ímpar de nossa sociedade.

O esporte preferido ainda é o futebol, naturalmente. Mas não tem um jogo de basquete e de vôlei, uma luta de judô ou uma prova de natação disputada por brasileiros em que não se veja umas imensa e irrequieta e barulhenta mancha amarela nas arquibancadas dos ginásios e dos estádios de Barcelona. De longe reconhecida como a mais festeira a torcida do Brasil já espalhou suas marcas por toda a cidade. (Revista Istoé, 5 de agosto, 1992. p.46)

Neste caso após esta conquista foram vistas inúmeras exaltações aos heróis do inédito título olímpico, como já visto devido a todo um contexto construído favorável a isto.

O entusiasmo como o desempenho do Brasil foi tão grande [...] No centro de São Paulo, milhares de pessoas foram às ruas acenar para os novos heróis nacionais, que desfilaram num caminhão do Corpo de Bombeiros, provocando uma inevitável comparação com outro grande conquista esportiva brasileira: o tricampeonato Mundial de futebol, 1920, no México. (Revista Istoé, 19 de agosto, 1992. p.38)

Visto como uma regra de comportamento das sociedades, mais especificamente neste caso da sociedade brasileira, pois tais tipos de comportamento resguardam normas de convivência, inculcam valores tidos como importante na sociedade assim como varias datas tidas como importantes, exemplos como, dia da bandeira e aprendizagens de hinos no caso do esporte é visto certa mobilização por parte dos brasileiros, o que não foi diferente neste caso, assim como as invenções de tradições. (DEMO 1987; HOBBSAWN 2002)

A sociedade brasileira, embriagada pelo repentino sucesso do Voleibol na Olimpíada, esteve as voltas com inúmeras manifestações de exaltação de seus ídolos. No momento sóciopolítico em que o país enfrentava a recessão econômica, denúncias de corrupção e ausência de lideranças capazes de inspirar credibilidade na administração pública, a representação simbólica de um jovem grupo vencedor era o que a população precisava para transferir e manifestar suas disposições sociais. (MARCHI JR, 2001. p.180)

Com isso foi gerada uma grande expectativa em torno do futuro do vôlei no Brasil, tanto por parte da imprensa quanto de personagens do meio esportivo com declarações singulares. Um exemplo disto, esta presente na imagem que foi criada acima dos atletas para a sociedade, extrapolando o campo esportivo indo para o campo da publicidade, muito comum nos dias de

hoje pois a espetacularização e a midiaticização já são uma realidade, e naquela época estava em processo de ascensão sendo principalmente no âmbito do vôlei, uma novidade. Alguns atletas desta seleção viraram garotos propaganda de marcas de loja e bebidas.

A imagem hoje transformou –se na mercadoria por excelência, objeto de produção, circulação e consumo, realizando de forma fantástica o velho axioma: cria –se não apenas uma mercadoria para o sujeito, mas cria-se também sujeitos para a mercadoria [...] O homem contemporâneo não cessa de consumir imagens e é certo que seu olhar acolhe mais do que sua capacidade de refletir sobre elas.(MARCHI JR,2005 p.154)

Caracterizando a identificação e o simbolismo gerado em torno destes atletas através da imagem criada com esta conquista, e os meios de exploração do consumo não ficaram para trás. Trazendo a importância do simbolismo que o esporte gera para a sociedade moderna, assim como foi para a geração que acompanhou a conquista inédita de uma medalha de ouro do esporte coletivo brasileiro em uma Olimpíada, este se tornou o maior espetáculo esportivo da era moderna assim como as Copas do Mundo.

O caráter massivo do espetáculo esportivo provém de sua eminente capacidade de transfigurar simbolicamente os dramas esportivos e os acontecimentos sociais e históricos, permitindo oferecer “um sistema de referência simbólica” para todas as possíveis identificações [...] Significa dizer que o simbolismo esportivo ajuda outorgar um “estatuto social imaginário” às relações sociais capitalistas, na medida em que tais relações são baseadas em imagens de eficiência, rendimento e produtividade. Além disso, deve – se mencionar que o esporte inculca na consciência social, outros símbolos condizentes com a mitologia típica da sociedade industrial. (MARCHI JR, 2005. p.158)

Seguindo os conceitos de Demo (1987), onde a sociedade é caracterizada pela desigualdade social, sendo uma necessidade do sistema capitalista , é visto claramente na sociedade brasileira é interessante perceber

se há alguma diferença na representação dos significados desta conquista entre as classes. Ao mesmo tempo em que pode haver uma diferença da representação do significado entre as classes, é um momento em que todos se sentem iguais, brasileiros, com o espírito de patriotismo e nacionalismo “a flor da pele”.

Como já visto, há certa tendência da sociedade brasileira como um todo em transformar rapidamente atletas em ídolos e transmissores de mensagens e identificações significativas, de acordo com seus anseios, como um potencial de consumo presente na cultura de massa. Esses significados são absorvidos e transmitidos para os espectadores conforme seus níveis de percepção da realidade. Neste caso a percepção das informações a partir do conceito onde entre as classes há também uma diferença de conhecimentos, consequentemente de entendimento, como por exemplo a escolaridade e o ambiente em que vivem, pode trazer significados diferentes relevando os diferentes contextos presentes dentro de uma mesma sociedade.

Segundo Rubio (2002,2001) apud Marchi Jr (2005 p. 156-157):

Dentre um conjunto estrutural, existem os atletas que, circunstancialmente, se transformam rapidamente em ídolos e transmissores de mensagens e estereótipos dotados de um potencial de consumo enraizado na cultura esportiva de massa. Esses valores são lançados e absorvidos pelos receptores da informação conforme seus níveis e categorias de percepção da realidade [...] os receptores invariavelmente, são conduzidos a incorporar disposições que evidenciam posições sociais. E o voleibol brasileiro ajusta se perfeitamente a essa leitura.

Isto se torna de tamanha importância pois como Ginzburg (1986) propõem, a análise profunda está em como as informações são passadas e compreendidas e não apenas quais são as informações passadas.

Segundo Hobsbawm (2002) a identificação nacional através dos esportes das massas, assim como o futebol e neste caso o vôlei estava sendo para os brasileiros, não exclui as classes. Sendo que esta unificação das

invenções das tradições sociais e políticas entre as classes trazem uma idéia de identificação nacional e comunidade artificial, ou seja, esta identificação é virtual e aparentemente real. Pois ela só ocorre nestes momentos no imaginário das pessoas, o sentimento pode até ser real porem ocorre apenas naquele momento especifico, como no caso durante as Olimpíadas de Barcelona, visto pela torcida brasileira e suas manifestações, unificadas. Porém uma investigação mais profunda do assunto não é objetivo deste trabalho.

5.0 CAPÍTULO III - Histórico – Político

Neste capítulo pretende-se mostrar o porquê de estudar este contexto, compreendendo como se encontrava a conjuntura no Brasil, ou seja, o que estava ocorrendo na época que possa ter favorecido a criação deste mito. Que relações havia entre a política e a economia do país, como esta conquista afetou este contexto. Comparar isto com exemplos onde o esporte foi utilizado no processo da mitificação.

O patriotismo e o nacionalismo são explorados, neste caso, como é visto em *as invenções das tradições*. Neste sentido Hobsbawm (2002), nos mostra como o Estado se utiliza de artefatos para amenizar problemas que surgem, como de reforçar o patriotismo e o nacionalismo, a fim de solucionar, mais precisamente mascarar, as inquietudes que surgem na sociedade. Mostrando a necessidade de um Estado tornar seus membros, participativos ou cidadãos, mesmo que seja apenas superficialmente, amenizando possíveis revoltas em grupos de resistência. Assim é possível perceber algumas atitudes, ou manobras, de governos preocupados em trazer a população para seu lado, ou ao menos amenizar inquietudes da mesma.

A importância que o brasileiro dá ao esporte na identificação nacional, patriotismo e nacionalismo não são um dado recente. As representações de heróis nacionais através do esporte como visto em Helal (1999), seguem a mesma premissa histórica, claro que cada época de acordo com seu contexto seguindo suas necessidades. Na década de 20 no Brasil já era vista certa influência e participação do esporte dentre os planos de governo, desde as formas de promover o mesmo como reforçar a identificação nacional.

É importante ressaltar que nesta época o esporte ainda não era massificado e midiático como é hoje. Por consequência seu meio de interferência na sociedade era outro. Era o pensamento de instruir o homem forte, desenvolvê-lo fisicamente desde para as lutas intelectuais a luta

propriamente dita. Gebara (2006), cita um discurso de Washington Luis, candidato a governador em São Paulo na década de 20, que “a criação de uma sociedade desportiva é considerada tão importante quanto a criação de uma escola, e neste caso, a multiplicação destas entidades é nosso dever de brasileiros” (p.107). Demonstrando que é de muito tempo esta construção da representatividade do esporte em nossa sociedade, e o apoio de planos de governo ao esporte, no caso se utilizando de um ponto de vista eleitoral.

Temos também exemplos na época militar aonde o esporte era tratado como “ópio do povo” no caso do futebol, afim de desvirtuar os problemas e a crise do país, podendo neste caso, ser considerado uma tradição inventada.

De acordo com a ordem natural das coisas, a conseqüente invenção das tradições “políticas” foi consciente e deliberada, pois foi adotada por instituições que tinham objetivos políticos em mente. (HOBSEBAWM,2002. p.271)

Todo o processo histórico do esporte, visto ao longo dos anos, na construção da sociedade brasileira, dentre seus contextos políticos mostra a importância do esporte de acordo com os anseios e necessidades de cada época distinta. Assim como também repetições de comportamentos associando o esporte à política, o que invoca na representação do esporte como identificação nacional como já visto no capítulo onde é tratado o contexto sociedade.

Práticas como esta de associações do esporte e o envolvimento dele no contexto histórico-político, podem ser observados também como tradições inventadas, pois podemos perceber o favorecimento a criação deste mito. Inúmeros exemplos como estes são citados em Hobsbawm (2002), claro que devemos considerar os diferentes contextos cronológicos e de localização.

Porém segundo Demo (1987) comparações com outros exemplos são justificados, pois as repetições na sociedade são algo constatado. Hobsbawm (2002) diz “[...] é muito provável que não há lugar nem tempo investigado pelos historiadores onde não haja ocorrido a invenção de tradições neste sentido” (p.12). Sendo que a “tradição inventada visa inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado” (HOBSEBANK, 2002 p.9)

Assim neste caso específico estas normas e valores são as identificações da sociedade brasileira com o esporte, como identificação nacional e patriotismo, bem como em formas de repetições de acordo com seu contexto amplo, é a continuidade do passado que nos mostra, a importância de se entender a construção histórica do esporte e dessas práticas para entendermos o contexto favorável à mitificação do esporte em algumas situações.

Hobsbawm classifica as invenções das tradições em 3 categorias sendo que uma delas é a que prevaleceu, a que “estabelece ou simboliza a coesão social ou as condições de admissão de um grupo a de comunidades reais ou artificiais” (2002,p.17), neste sentido seria a simbolização do esporte como um bem da pátria visto em toda construção histórica do Brasil.

Continuando com exemplos de Hobsbawm (2002) é visto que no esporte houve muitas práticas como estas dentre o meio político, no sentido da maneira de governar um estado preocupado com o patriotismo onde práticas tradicionais desde a ginástica ao tiro ao alvo foram modificados e ritualizados para servir a propósitos nacionais, com o fim de promover a união e a confraternização entre os amantes da pátria.

Durante o processo histórico das invenções das tradições temos alguns fatores interessantes que podemos comparar com este estudo, desde a construção de monumentos públicos a invenções de cerimônias e festividades populares, assim como a criação de tradições a fim de favorecer a classe dominante no caso o governo. Sendo que é percebido que cada Governo, utilizava-se de invenções de acordo com seu contexto da maneira

mais pertinente para cada situação. O esporte tende a ter um papel importante entre estas tradições como novas expressões de nacionalismo, sendo assim nacionalmente específicos como, por exemplo, o rugby gales diferenciado do futebol inglês e o futebol gaélico na Irlanda, demonstrando laços que unificaram os habitantes do estado nacional (HOBBSAWM, 2002).

Da mesma maneira que o estado se utiliza do esporte a fim de reforçar esses simbolismos, acontece com as classes que buscam uma identificação através de símbolos externos como patriotismos serem os mais importantes nas práticas esportivas

Grandes ocasiões esportivas de massa, foram usadas como forma de ritualização pública :

As tradições inventadas têm funções políticas e sociais importantes, e não poderiam ter nascido, nem se firmado se não pudessem adquirir. Porém, até que ponto elas serão manipuláveis? É evidente a intenção de usá-las, aliás, frequentemente, de inventá-las para a manipulação; ambos os tipos de tradição inventada aparecem na política, o primeiro principalmente (nas sociedades capitalistas) nos negócios. Neste sentido, os teóricos da conspiração que se opõem a manipulação tem a seu favor não só a plausibilidade quanto os indícios. Contudo, também parece claro que os exemplos mais bem-sucedidos de manipulação são aqueles que exploram práticas claramente oriundas de uma necessidade sentida – não necessariamente compreendida pelo todo – por determinados grupos. (HOBBSAWM, 2002, p.315)

Reforçando a importância que o Governo, no Brasil, dá ao esporte, de alto rendimento, como um meio de identificação nacional, é percebido através dos grandes investimentos por parte de Instituições Federais. E neste caso o Voleibol não fica de lado. “Os investimentos de patrocinadores na seleção foram iniciados com a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro em 1984/85, a Caixa Econômica Federal em 1989 e, finalmente, a partir de 1991, o Banco do Brasil” (MARCHI JR, 2001. p.183)

Durante as Olimpíadas de Barcelona , este investimento extrapolou o âmbito esportivo. Houve investimento até com a torcida:

Uma maré de camisetas do mais puro “ amarelo cheguei” com logotipo do Banco do Brasil, que deu a Jatobá e seus cinco companheiros a hospedagem, 40 dólares de diária, ingressos para os jogos, passagem de avião e um lote de 15000 camisetas e 1000 bonés [...] O Banco do Brasil desembolsou cerca de 40000 dólares com a torcida de D`Artagnan. (Revista Veja, 12 de agosto,1992. p.65)

Partindo desta construção de influência dos esportes em todas as relações de uma sociedade, observamos um contexto histórico que favoreceu a criação deste mito. O país acabava de ter uma nova constituição, a de 1988, e no final de 1989 foi feita à primeira eleição direta para presidente da republica desde 1960, ou seja, um grande feito para nossa sociedade. Havendo uma grande fase de euforia e de expectativa entre a população, pois o país ainda vivia graves dificuldades econômicas, que afetava inclusive o Voleibol. Nesta eleição foi o então candidato Fernando Collor de Mello que venceu as eleições de maneira incontestada, que assumiu o poder já num contexto de ambigüidade e preocupação. Havia toda uma expectativa por parte da população quanto à capacidade do novo governo de superar a crise, pois finalmente o Brasil estava se tornando “democrático”, visto por uma transição da recente ditadura. (TEIXEIRA,1993)

Porém diante de toda esta expectativa o governo Collor apenas frustrou, decepcionou e deixou a margem de mais crise. Um dia após a sua posse decretou um programa que tinha uma clara inspiração neoliberal, visando a estabilização econômica do país. Este Plano teve algumas medidas como: confisco temporário do dinheiro depositado em contas correntes; volta do cruzeiro como moeda nacional; congelamento de preços e salários. Porém os resultados foram terríveis para o Brasil, o país não avançou e a inflação voltou a subir. Com isso o governo tentou um novo plano chamado de Collor II que também não deu certo.

Contudo, a apatia com que essas novas medidas econômicas foram recebidas pela população em geral mostrou a perda de credibilidade dos choques e planos de estabilização. Afinal, ao longo, de boa parte da década, eles aprofundaram a recessão econômica, com um custo social altíssimo, sem conseguir controlar a inflação – que era seu principal objetivo. (TEIXEIRA, 1993 p. 199)

Tudo isto afetou tragicamente todos os setores da sociedade brasileira. Mostrando que a crise brasileira era muito maior que a inflação e a dívida externa, não apenas econômica, mas também social, política e institucional.

Com toda esta situação , havia tempo que não se via tantas manifestações dos cidadãos brasileiros , jovens, estudantes e sindicalistas, nas ruas lutando ou se manifestando por algo. Neste caso , as manifestações eram para protestar contra toda a corrupção, e escândalos que estavam ocorrendo com o Governo. Em todas elas se viam pedidos da retirada de Collor, através do impeachment.

Na semana passada, as principais cidades do país assistiram ao espetáculo do povo em movimento, com sua carga corrosiva de bom humor, deboche e irreverência. Encheu ruas, praças e praias, engarrafou avenidas, celebrou enterros, ergueu bonecos, cantou, dançou, buzinou e xingou. O protesto foi preparado por passeatas de estudantes secundaristas de rosto pintado de batom e tinta guache arrastou profissionais de classe média, e acabou dando novo ânimo aos mais persistentes e solitários, adversários do governo Collor, os aposentados, tungados no reajuste de 147%. (Revista Veja, 26 de agosto, 1992. p.31)

Neste trecho é observável, características da nossa sociedade já citado no capítulo anterior, quando falamos em manifestações, muito parecido com a torcida brasileira e seu comportamento durante os Jogos Olímpicos. Podemos ver também pela data ,26 de agosto, que este trecho foi retirado de uma revista, Veja, publicada depois da conquista do selecionado de vôlei, 9 de

agosto. Podendo fazer alguma relação de que algo pode ter influenciado neste processo. Porém mesmo antes destas datas e nos próprios Jogos são observadas manifestações do mesmo tipo e intuito.

Essa relação das manifestações, no âmbito esportivo e político, podem ser expressas no seguinte trecho retirado da Revista Istoé, 5 de agosto, 1992:

A torcida brasileira, que acompanha a atuação dos atletas verde - amarelos na Olimpíada de Barcelona, é capaz de grandes esperanças. Parece que ela é imbatível na disposição de transmitir ânimo aos seus heróis e de estimular –los a vitória. Nem sempre a vibração basta. No caso da renúncia do presidente Fernando Collor, conforme os pedidos estampados nas faixas em Barcelona, estamos diante de uma destas situações em que torcer não é suficiente. Salve melhor juízo [...] Será preciso dizer algo mais? As vezes a Nação, nem mais nem menos que os seus representantes nas arquibancadas de Barcelona, sofre a dolorosa sensação que no Brasil collorido, provas de culpa dos governantes não tem a menor importância.(p.11)

As manifestações anti Collor não se resumiam apenas à população nas ruas do Brasil, nem da torcida verde- amarela nas arquibancadas de Barcelona, mas também entre os atletas canarinhos que lá estavam. Vide depoimento de Ana Mooser, jogadora da seleção de vôlei feminino, para Revista Istoé, 19 de agosto, 1992, logo após a derrota da seleção na disputa do terceiro lugar:

O problema é que o brasileiro não é revolucionário e é difícil encontrar alguém 100% honesto, tem de acontecer o impeachment. Que padrão de comportamento o brasileiro vai ter se ficar provado que Collor tem culpa e ninguém fazer nada? O jovem brasileiro tem de ter bom exemplo. Crescemos numa ditadura militar e agora é fundamental que as coisas funcionem de acordo com a democracia.(p.42)

Desta maneira o esporte no país certamente também foi atingido, os seguidos fracassos de execução de novos planos do governo afetaram diretamente os investimentos no vôlei, causando redução de salários dos atletas para evitar a extinção de mais equipes, o qual já vinha acontecendo.

(MARCHI JR, 2001)

Com isso é observável todo um contexto que estava se tornando favorável para a conquista da seleção redimir todos os anseios e preocupações que a sociedade brasileira estava sofrendo, e nitidamente estava em seu ápice.

Durante a cobertura da imprensa nos Jogos Olímpicos de Barcelona, nos periódicos utilizados como fonte para este estudo, há também muitas reportagens sobre a corrupção no país, sua crise política e o processo de impeachment sendo mencionado. Na Istoé, 19 de agosto, 1992, - o selecionado de vôlei masculino já havia conquistado a medalha de ouro – na parte editorial foi encontrada a seguinte publicação com o título de “O Brasil está doente”:

Num inflamado discurso pronunciado na quinta feira, 13, para uma platéia de motoristas da praça, depois transmitido pelos noticiosos do rádio e da tevê para todo o país, o presidente Fernando Collor, pediu à nação que no Domingo seguinte saísse às ruas envolta no pavilhão nacional e que nas janelas expusesse “toalhas, panos o que tiver, nas cores da nossa bandeira” [...] trata-se de verificar quantos brasileiros, atendendo à convocação presidencial, sairão engalanados de verde, amarelo, azul e branco – e quantos viverão o seu domingo habitual, como se quisessem deixar claro que não estão doentes.(p.11)

Durante esta publicação é explanado, e comparado, que na idade medieval, visava - se dessas praticas de pendurar panos na janela para evitar o contágio de doenças e epidemias, assim é feita uma sátira com a atitude do Collor.

Contudo , após o discurso do Presidente da República, o que se viu na rua não foi nem bandeiras das cores brasileiras nem panos verde – amarelos nas janelas. Mas sim o contrário, houve inúmeras manifestações, a população saiu de preto – luto- pelas ruas, contrariando o pedido de Collor. Mostrando que de alguma forma os brasileiros não estavam nenhum um pouco satisfeitos com a situação do país, e estavam se manifestando como há tempo não se via.

No domingo 16, o povo cobriu o país de preto para repudiar um presidente que, espertamente, queria esconder-se atrás da bandeira nacional. Collor saiu impeachmentado e renunciado. Nas manifestações seguintes, as cores da bandeira reapareceram com mais vigor, numa prova de que, quando se torna necessário, as ruas se encarregam de resgatar o orgulho e o símbolo da nação. (Revista Veja, 26 de agosto, 1992. p.31)

Mostrando que neste caso, usou-se do esporte, pois as Olimpíadas tinham acabado e eram recentes as vitórias da seleção de vôlei masculino bem como a medalha de ouro de Rogério Sampaio no judô, para amenizar a crise política e até mesmo sua imagem. Neste contexto através das fontes é possível observar que o presidente, mesmo com toda a crise explícita, fazia de tudo para mostrar que estava bem.

O presidente Fernando Collor iniciou o domingo, 16, escondido atrás da bandeira nacional. Depois de correr com os judocas Rogério Sampaio e Aurélio Miguel, ele passou o dia protegido por cinco barreiras da Polícia Militar. (Revista Istoé, 26 de agosto, 1992 p.26)

Vemos neste caso, um tipo, de aproveitamento de conquistas no esporte, para auxiliar de alguma forma a imagem do Presidente, e uma possível tentativa de desvirtuar a população.

6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“ ...vamos todos juntos
pra frente Brasil
salve a seleção ...”

Percebe-se que ao longo dos três pontos sistematizados do trabalho; a conquista; a sociedade e o histórico-político, foi verificado todo um contexto favorável à criação de um mito acerca do selecionado brasileiro de vôlei masculino, Barcelona-92. Sendo assim será pontuado alguns fatos que favoreceram , e que fazem parte deste todo contexto favorável.

A característica da conquista foi um dos fatores encontrados para favorecer a mitificação deste caso. Como visto a seleção não era considerada favorita, havendo varias dificuldades na preparação para os Jogos Olímpicos de Barcelona. Assim esse aspecto serviu como uma referência de superação.

Outra característica observada foi a do próprio selecionado, que foi até então a equipe mais nova em relação à idade dos atletas a conquistar um titulo olímpico, e como é visto em Helal (1999), a pouca idade é valorizada como um atributo positivo quando o esporte é utilizado como referência para uma sociedade.

O fracasso dos brasileiros em outras modalidades nos Jogos de Barcelona, também pode ser considerado como um fator favorável à mitificação desta conquista, pois o país, tinha muita esperança em algumas modalidades que não foram bem, reforçando a representatividade que a inédita conquista de uma medalha de ouro em esportes coletivos teve para o Brasil.

As características da sociedade brasileira, foi outro contexto

favorável. Como é tratado em Novas (2000), estas identificações em heróis, são de alguma maneira uma referência de comportamento e superação para esta sociedade, que foi construída ao longo do tempo marcada pela crise política, social e econômica. Sendo assim é visto também uma repetição de comportamento, associando a uma tradição inventada (HOBBSAWM,2002), muito comum no Brasil. Observando essa característica presente na sociedade brasileira, e os dados de fontes, vemos que esta sociedade estava sedenta de alguma identificação nesse meio. Visto que a última conquista brasileira em esporte coletivo, que tivesse a mesma importância que as Olimpíadas, a Copa do Mundo, tinha sido na Copa de 70. Neste sentido, dentre as fontes investigadas, são percebidas várias comparações nas manifestações desta conquista, com as manifestações vista em 70.

A crise política e social vivida na época dos Jogos, no ano de 1992, com os escândalos de corrupção, e o caso do presidente Collor, onde foram vistas grandes manifestações que há tempo não se via no país, é considerado outro aspecto do contexto que favoreceu a criação de um mito a cerca do selecionado masculino de voleibol. De acordo com os conceitos de mito utilizado neste trabalho, onde sua função é redimir certa sociedade de alguma forma, num plano simbólico, ou seja, criando uma segunda realidade (ELIADE 2000; CHAUI 2000), esta conquista foi um prato cheio para uma referência de superação, e de redimir os fatos que estavam acontecendo no Brasil.

Foi possível perceber a importância que se tem de estudar e compreender a construção histórica, quando pretende se estudar algum assunto que trate da história. Ao longo dos 3 capítulos, foi visto que o contexto favorável da época, era resultado de toda uma construção histórica que vinha acontecendo. Assim este trabalho pode ajudar a entender muito do que o esporte representa hoje para nossa sociedade, assim como o crescimento e desenvolvimento do mesmo.

Já que este trabalho teve em sua metodologia, a utilização de fontes históricas, sendo elas revistas de maior circulação na época é vista uma

forte influencia da imprensa no processo de mitificação de atletas e equipes esportivas, vide Helal (1999), quando diz que há um acordo estabelecido entre mídia e fãs no processo da mitificação do meio esportivo. “Partindo da premissa de que o jornal influencia de maneira decisiva na formação da opinião pública, acredita-se ser de fundamental importância um estudo de linguagem utilizada” (HATJE, 1998 p. 19). Nesta mesma referencia citada é abordada a linguagem utilizada pela imprensa, durante a Copa do Mundo de 1994, em categorias como : exaltação da própria etnia; exaltação do patriotismo emocional. Sendo que no caso deste estudo foram vistas muitas exaltações , muitas vezes exarcebadas contribuindo à criação deste mito. Como por exemplo: capa da revista Veja, “A explosão do Vôlei” (12 de agosto, 1992); “ A onda amarela – a torcida vibra com seus ídolos e manda um recado a Collor e alegra os ginásios” (Istoé, 5 de agosto, 1992 p. 46) e “O voleibol brasileiro explode na olimpíada e consagra o atacante Marcelo Negrão” (Veja, 12 de agosto, 1992 p. 62). Neste ultimo exemplo se reforçam as comparações desta seleção ao futebol, nesta mesma reportagem é feita uma comparação de Marcelo Negrão com o Pelé. E durante todas as passagens de fontes históricas, esses termos de exaltação podem ser verificados.

Dentre todas essas considerações pontuadas, percebe-se que na época em que ocorreram os Jogos Olímpicos de 1992, havia todo um contexto favorável à mitificação do selecionado de vôlei masculino do Brasil, havendo uma grande influencia da Imprensa. Assim surgiram questionamentos quanto , a real representação que esses tipos de mito trazem para a sociedade. Visto que mitos na verdade, têm como função resolver, num plano simbólico e imaginário, as antinomias, as tensões, os conflitos e as contradições da realidade social que não podem ser resolvidos ou solucionados pela própria sociedade, criando assim uma segunda realidade (ELIADE 2000; CHAUI 2000). Seguindo essa premissa, esses mitos, como no caso desta seleção, além das identificações nacionais e representações, conseguem realmente que uma nação vá para frente? Com isso tornam -se necessários estudos, críticos assim como este, mais profundos sobre mitos esportivos , e quais são seus reais significados para uma sociedade , a fim de estarmos sempre atentos a

uma realidade mais profunda, que consiga diagnosticar a verdade como ela é, e não como ela aparenta ser.

Por serem conceitos construções mentais abstratas, correm o risco de alienação da realidade, quando fogem do teste empírico ou não se ligam a práticas concretas, por que se dedicam mais ao descompromisso da especulação subjetiva do que descobrir a realidade como ela é” (DEMO ,1987 p.17)

Assim seria preciso, um aprofundamento sobre os contextos abordados durante esta pesquisa, para além de compreender um comportamento humano, estarmos sempre buscando a verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARMSTRONG, Karen. **Breve historia do mito**. São Paulo, companhia das letras , 2005.

BOGDAN,P...; BIKLEN,S... **Investigação qualitativa em educação**. Trad. Maria João Alavarez. Portugal, Korlo Editora, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. Editora Atica. São Paulo 2000

DEMO, Pedro. **Sociologia: uma introdução crítica**. São Paulo, Atlas 1987.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo. Perspectiva 2000

GEBARA, Ademir. **Esporte e identidade nacional: reflexões sobre o caso brasileiro**. *Ensaio sobre história e sociologia nos esportes*,Jundiaí,coleção norbet elias,vol. 2, p.103-123. Fontoura Editora,2006

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes – cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Editora: Companhia das letras. 8º edição. São Paulo, 1996

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais – morfologia e historia**. Editora: Companhia das letras. São Paulo, 1986

HATJE, Marli; ERINA PALMA, Luciana; CARVALHO, Sérgio. **A linguagem utilizada por três jornais para descrever a atuação da seleção brasileira de futebol na copa de 1994**. *Revista comunicação, movimento e mídia na educação física*. vol. 4, p 19-30. 1998.

HELAL, Ronaldo. **Mídia ,ídolos e heróis do futebol**. *Revista comunicação, movimento e mídia na educação física* vol.2 ,ano 2, p. 32-52. 1999

HOBSBAWM, Eric; TERRENCE, Ranger. **A invenção das Tradições**. Editora Paz e Terra, Edição 3, 2002.

MARCHI JR, Wanderley. **“Sacando” o voleibol: o amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 -2000)**. 2001. 267p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

_____. **O processo de ressignificação do voleibol a partir da inserção da televisão no campo esportivo**. *Rev. Bra. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, p.140- 162. jan,2005.

NOVAS, Fernando. **Historia da vida privada- contrastes e intimidade contemporânea**. Editora: Companhia das letras. São Paulo 2000.

REVISTA ISTOÉ. **29 de julho**, p. 38. 1992

_____. **5 de agosto**, p.11;40;46. 1992.

_____. **12 de agosto**, (índice); p.65. 1992.

_____. **19 de agosto**, p.11;38;39;41;42. 1992.

_____. **26 de agosto**, p.26. 1992.

REVISTA VEJA. 12 de agosto, p.62;64;66. 1992.

_____. **26 de agosto**, p.31 .1992

_____. **Guia olímpico veja, 22 de julho**, p.3. 1992

TEIXEIRA, Francisco. **História do Brasil contemporâneo**. São Paulo.
Ática,1993